

Uma exposição sobre exposições

Thais Rivitti

Publicado na revista *Bravo*, n. 148, dez. 2009

A exposição “Programa”, da artista plástica Ana Luiza Dias Batista com curadoria de José Augusto Ribeiro, em cartaz na Estação Pinacoteca até o dia 7 de fevereiro de 2010, é um exemplo do que há de mais significativo na jovem arte paulistana hoje. Que não se espere trabalhos que conquistem imediatamente o público. Bem se sabe que a relação da arte contemporânea com seus espectadores não se dá hoje sem algumas hesitações. Assim, a exposição, que se debruça sobre esse conflito, apresenta um conjunto de cinco obras silenciosas.

De início, a artista instala uma TV em cada um dos elevadores que dão acesso à exposição. Intitulado “O Gigante”, o vídeo veiculado nas TVs mostra um homem muito alto percorrendo o espaço expositivo vazio. O gigante mimetiza o percurso do espectador que passeia pelas paredes do museu muitas vezes de forma automática: apenas seguindo, a passos largos, determinado fluxo, sem encontrar nada que o faça parar.

Quando, saindo do elevador, adentra-se na sala, a sensação de um espaço restrito, diminuto, produzida por “O Gigante”, dissipa-se e encontra-se a amplidão de uma sala quase vazia. Na parede frontal, está “Queimada”, uma seqüência de três quadros que mostram uma floresta pegando fogo. São “pinturas” dramáticas, de uma catástrofe natural, com a dose certa de impacto e beleza convencional. A certa altura, nos damos conta de que não são quadros que estão na parede, mas um papel de parede que repete uma mesma seqüência de imagens. Os quadros têm o mesmo tratamento – e estatuto – do rodapé e da tomada que também são estampados no papel. O trabalho evoca a anedota, frequentemente repetida em exposições de arte contemporânea, em que o extintor de incêndio é confundido com uma obra de arte. Mas o trabalho não se reduz à piada, apenas parte dela, a internaliza. Propõe, com humor escrachado, um revestimento padronizado para as paredes de museus. Quem sabe algo que ajude a preencher a programação dos inúmeros museus sem acervo, sem recursos e sem idéias?

Um outro trabalho utiliza-se de elementos associados ao universo da decoração. É o caso de “Crocante”, um retângulo demarcado em uma das paredes da sala. Nesse retângulo, o acabamento liso das paredes das salas expositivas é trocado pelo chapisco, normalmente usado em espaços externos de residências e locações comerciais, e os vidros das janelas, originalmente transparentes, são trocados por vidros jateados, mais opacos. Essa pequena alteração na sala faz com que esses dois recursos decorativos comentem a situação da exposição, as normas e padrões de apresentação de trabalhos em museus deslocando a atenção dos trabalhos para o modo com que são usualmente apresentados.

Seguindo esse mesmo raciocínio, o vídeo “Programa” cujo título dá o nome da mostra, aponta para um duplo sentido: uma ação planejada e regrada e uma atividade de lazer. Trata-se de um programa de TV que não tem nenhum assunto ou tema, conservando apenas o formato já conhecido de programas de auditório, de cenários e sonoplastia e marcações de intervalos que sinalizam o início de uma nova atração. As obras articulam-se como o cartaz em exposição em que se lê “uma língua morta”. Ele enuncia a uma língua morta utilizando uma língua usada cotidianamente. Como se houvesse algo que só pudesse ser enunciado e compreendido num gesto que ao mesmo tempo o desautorizasse. Talvez se possa falar sobre “Programa”: não é uma exposição de arte, mas antes, uma exposição sobre as exposições de arte.